



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**INSTITUTO DE CULTURA E ARTE**  
**CURSO DE JORNALISMO**

**MARIA CLARA MEDEIROS MOREIRA**

**RELATÓRIO DE ELABORAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**  
**UM AMOR CONSTRUÍDO: AS FELICIDADES E AS DORES DA MULHER**  
**GORDA**

**FORTALEZA**

**2025**

MARIA CLARA MEDEIROS MOREIRA

UM AMOR CONSTRUÍDO: AS FELICIDADES E AS DORES DA MULHER GORDA

Produto jornalístico apresentado como Trabalho de Conclusão ao Curso de Jornalismo do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito para a obtenção do Título de Bacharel.

Orientadora: Prof. Dra. Naiana Rodrigues da Silva

FORTALEZA

2025

MARIA CLARA MEDEIROS MOREIRA

UM AMOR CONSTRUÍDO: AS FELICIDADES E AS DORES DA MULHER GORDA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Aprovada em: \_\_/\_\_/\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dra. Naiana Rodrigues da Silva (Orientadora)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dra. Ana Cláudia Mendes de Andrade e Peres  
Universidade Federal Fluminense (UFF)

---

Grad. Erilene Firmino da Silva  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

FORTALEZA

2025

## AGRADECIMENTOS

Tudo que é novo traz medo. Os “e se” da vida nos acompanham, lembrando constantemente das escolhas que fizemos e das que não. Optar por estudar jornalismo, dessa forma, foi um processo de meses de pesquisa e ainda assim, quando entrei no curso, eu não sabia exatamente o que esperar.

Muitas coisas acabaram sendo uma surpresa. O jeito dos professores, os trabalhos, a liberdade, os colegas. Na faculdade, consegui escrever e pesquisar sobre diversos assuntos e descobri que gostava de fazer o que nem imaginava, já que sempre fui tímida: conversar com pessoas e contar as histórias delas.

O meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi um conjunto dessas descobertas. Nele, eu tive oportunidade de conhecer e escrever sobre a vida de mulheres que admiro, me identifico e me inspiro. Então, primeiro gostaria de agradecer a elas: Malu Jimenez, Helena Vieira, Paula Mello, Elaine Quinderé, Mel Meireles, Camila Hilário, Jessyca Miguel, Rachel D’Amico e Suyanne Héria.

Vocês tornaram esse livro possível. Algumas estando nele, outras não, eu só consegui escrever algo do qual me orgulhasse devido à admiração que eu tenho por todas. Por meio das conversas, fui capaz de me entender melhor, entender o que gostaria de transmitir e entender mais sobre a comunidade da qual faço parte. Muito obrigada!

Esse trabalho também não seria o mesmo sem minha orientadora, Naiana Rodrigues, e minha professora, Erilene Firmino. As duas me influenciaram em diversos aspectos: o tom de reportagem, a sensibilidade, o cuidado com as fontes, a apuração. Obrigada por me guiarem dentro do curso e me ajudarem a me tornar a futura jornalista que sou.

À minha banca examinadora: novamente, Erilene Firmino, e Ana Claudia Peres. Obrigada por aceitarem meu convite. Admiro muito a trajetória profissional de vocês.

À equipe da editoria de economia do O Povo: Beatriz, Irna, Armando, Ana Luiza, Samuel e Adriano. Obrigada pelos aprendizados, dicas, correções, conversas, amizades. Com vocês, aprendi a prática e, em um convívio divertido, me tornei jornalista.

Aos meus pais e a minha avó/ mãe, Adda Medeiros, Daniel Moreira e Nirvanda Medeiros. Eu não consigo descrever a admiração e amor que eu sinto por cada. Vocês foram a base que formou quem eu sou hoje, com a presença, ensinamentos e carinho. Obrigada por sempre estarem ao meu lado e apoiarem meus sonhos. Não sei o que seria de mim sem esse amor e apoio incondicional.

À minha irmã, Sarah, eu não sei nem o que falar. Você foi a pessoa que mais vibrou por mim e me apoiou. Desde o começo, fez questão de tornar todos os momentos dessa minha jornada especiais. Mesmo quando eu não estava bem, eu sabia que tinha alguém torcendo sempre por mim. Sei que se sente mal por estar longe, mas você sempre faz questão de estar presente, com gestos, presentes, ligações. Eu te amo tanto e tenho orgulho de você. Obrigada por me amar, por estar ao meu lado e por ser a melhor irmã do mundo.

À Mariene, obrigada por estar sempre por perto com tanto cuidado e carinho. Sua presença constante, o jeito como me escuta, acolhe e orienta, fizeram toda a diferença nessa caminhada. Você sempre faz questão de me ajudar a me tornar uma pessoa cada vez melhor.

Aos meus irmãos, Giovanna, Giovana, Vitória e Giovanni. Como eu já disse, vocês são minha família, amigos que a palavra amizade não consegue mais abarcar. Não consigo imaginar como seria ter crescido sem vocês ao meu lado, sem esses anos compartilhados. Obrigada por todas as conversas, fofocas, risadas, choros, por sempre estarem junto de mim. Não tenho como descrever a importância que vocês possuem na minha vida e na pessoa que eu sou hoje.

À Ludy, você foi um presente que a UFC me deu. Tu não tem noção quanto eu sou grata por ter te conhecido. Nunca teria imaginado que em tão pouco tempo alguém entraria dessa forma na minha vida. Sem você, esses anos não seriam os mesmos. Muito obrigada por ter se tornado minha irmã, por estar comigo para tudo e por aguentar todos os meus surtos nesses últimos meses/ anos. Também agradeço aos presentes que você me trouxe: Nathaly e Rafa. O nosso grupinho já me salvou tantas vezes, não há palavras que mensuram o quão grata eu sou por ter cada um de vocês.

À Clari e a Fabi, eu amo te-las na minha vida, o quanto a gente se aproximou, as conversas, fofocas, leituras. Vocês tornaram ir para uma aula à noite divertido. Muito obrigada por terem me ajudado tanto nesse trabalho e pelos momentos em que compartilhamos histórias, problemas, alegrias.

Para o restante do Clube do livro das bonitas: Ana Faely, Arine, Isa, Lóren e Ray, a experiência de dividir esses anos com vocês foi incrível, fazer trabalhos juntas, conversar. Eu as admiro e sou muito feliz que a gente tenha vivido essa fase das nossas vidas juntas. Que venham muitas conversas, livros, jogos e conquistas para a gente.

Ao meu amigo, Gabriel, a quem me aproximei bastante nesse último ano. Essa reta final do curso não seria a mesma sem você. Obrigada pela amizade, saídas, risadas. E, também, gostaria de agradecer ao restante da turma do 21.1: Alê, David, Guilherme, João, Kleber, Matheus. Sou muito grata de ter compartilhado esses anos com vocês.

## **RESUMO**

O livro-reportagem “Um amor construído: as felicidades e as dores da mulher gorda” investiga as vivências de mulheres gordas, analisando como a gordofobia impacta as autoestimas, acessibilidade, carreiras e relações afetivas delas. No texto é apresentado que a autoestima da mulher gorda é intrinsecamente social, tornando o corpo dela um determinante de exclusão e estigma. Através da análise de narrativas de Helena Vieira (transsexual e gorda), Paula Mello (lésbica e gorda) e Camila Hilário (negra, gorda e bissexual), a pesquisa explora a interseccionalidade de preconceitos que agravam a marginalização. Os achados revelam que o autoamor e compartilhamento de experiências são essenciais para a construção de novas formas de existir com dignidade e prazer.

**Palavras-chave:** mulheres gordas; gordofobia; corpos dissidentes; acessibilidade; exclusão social

## **ABSTRACT**

The book “A Love Built: the Joys and Sorrows of the Fat Woman” investigates the lived experiences of fat women, analyzing how fatphobia impacts their self-esteem, accessibility, careers, and romantic relationships. The text presents the idea that fat women’s self-esteem is inherently social, making their bodies a determinant of exclusion and stigma. Through the analysis of the narratives of Helena Vieira (a fat transgender woman), Paula Mello (a fat and lesbian woman), and Camila Hilário (a Black, fat, and bisexual woman), the research explores the intersectionality of prejudices that deepen marginalization. The findings reveal that self-love and the sharing of experiences are essential for building new ways of existing with dignity and pleasure.

**Keywords:** fat women; fatphobia; stigmas; dissenting bodies; accessibility; social exclusion

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2 PROBLEMA DE PESQUISA.....</b>	<b>11</b>
<b>3 OBJETIVOS.....</b>	<b>12</b>
2.1 Geral.....	12
2.2 Específicos.....	12
<b>4 JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>13</b>
<b>5 REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>13</b>
<b>6 METODOLOGIA.....</b>	<b>14</b>
6.1 Pesquisa bibliográfica.....	15
6.2 Apuração.....	16
<b>7 SUPORTE.....</b>	<b>17</b>
<b>8 ESTRUTURA DO PRODUTO.....</b>	<b>18</b>
<b>9 PROJETO GRÁFICO.....</b>	<b>19</b>
9.1 Dados técnicos.....	19
9.2 Capa e contracapa.....	19
9.3 Miolo do livro e imagens.....	20
9.4 Paleta de cores.....	23
<b>10 CRONOGRAMA.....</b>	<b>25</b>
<b>11 REFLEXÕES GERAIS SOBRE A PRODUÇÃO DO LIVRO-REPORTAGEM.....</b>	<b>26</b>
<b>REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO.....</b>	<b>28</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O padrão de beleza pode ser compreendido como um conjunto de atributos físicos e corporais socialmente valorizados que, ao serem amplamente difundidos, funcionam como um molde estético (Goldenberg, 2010). Esses moldes, entretanto, não se mantêm estagnados. Eles estão em constante mudança e existem desde os tempos mais remotos.

De acordo com Aguilera et al (2016), os padrões de beleza são influenciados pelos cenários social e cultural. Assim, para a compreensão do belo contemporâneo é necessário voltar para os pensamentos que constituem a sociedade (Schubert, 2009).

Conforme Eco (2010), a arte retrata a história da beleza através dos séculos. Na idade média até o final do século XIX, por exemplo, olhando as esculturas e pinturas da época, é possível observar que o belo estava presente no corpo feminino forte e volumoso, pois como o acesso a alimentos era escasso, a pessoa gorda era vista como rica e saudável.

No século XX, com as diversas mudanças ocasionadas pela globalização e a revolução industrial, os padrões estéticos corporais mudaram rapidamente. Segundo Del Priore (2000), esse período marca o início do padrão do corpo magro que, por mais que tenha mudado no decorrer das décadas, se manteve nessa estrutura, com alterações apenas em algumas proporções, como o tamanho da cintura, seios e quadris (Faux, 2000).

Na atualidade, essa ideia de beleza passou a ser cada vez mais interligada ao corpo. A magreza é vinculada à imagem feminina de sucesso, perfeição, competência, autocontrole e atratividade sexual (Andrade & Bosi, 2003). Assim, a pessoa é pressionada a concretizar, no próprio corpo, o ideal corporal da cultura na qual está inserida.

A população, principalmente a feminina, se encontra nesse papel de vulnerabilidade diante dos padrões de beleza da sociedade. Sofrendo, muitas vezes, com críticas, desprezos e até exclusão, caso não se encaixe nesse molde proposto (Carreteiro, 2005). Dessa forma, a busca pela aparência ideal começa a ser realizada de maneira obsessiva, tornando-se um estilo de vida para diversas pessoas (Castilho, 2001).

Ressalta-se que esse padrão não influencia só os hábitos individuais, ele também intervém na forma como o indivíduo é visto dentro da sociedade e suas relações interpessoais, tendo papel na ascensão social, acadêmica, profissional e afetiva (Kehl, 2004).

Assim, considerando as mulheres gordas, elas se encontram no oposto ao esperado pelo gênero, sofrendo com a pressão estética e, principalmente, com a gordofobia.

Preconceito que, conforme explica (2020), é definido como estrutural e cultural, transmitido em muitos e diversos espaços e contextos na sociedade contemporânea, e “acontece por meio de desvalorização, humilhação, inferiorização, ofensas e restrições aos corpos gordos de modo geral”.

Diante disso, o presente trabalho se propôs a investigar e narrar os impactos desses preconceitos e estigmas sobre as vivências de mulheres gordas, a partir da escuta e da pesquisa bibliográfica.

Além disso, o livro expôs como a interseccionalidade opera nas trajetórias das pessoas entrevistadas, revelando que os marcadores sociais de diferença, como gênero, raça, orientação sexual e corporalidade, não atuam isoladamente, mas se entrelaçam na produção e intensificação das violências (Crenshaw, 1991).

O trabalho se ancora em uma abordagem narrativa e qualitativa, combinando a escuta ativa e a contextualização do problema, a partir de entrevistas, pesquisa bibliográfica e pesquisa documental.

Esse livro-reportagem surge da necessidade de expor as vivências escutadas, denunciando como a gordofobia afeta diversos aspectos da vida da pessoa gorda, como o profissional, social, estudantil, amoroso, entre outros.

Ademais, a produção do trabalho foi direcionada nos fundamentos do jornalismo literário, no qual há uma apuração detalhada com uma escrita interpretativa e profunda. Essa linguagem permite que o relato jornalístico priorize a escuta sensível, a reconstrução de cenas e a valorização das subjetividades envolvidas (Lima, 2009). E tem como metodologia a história oral, que, ainda conforme o autor, permite a narração de histórias de sujeitos usualmente invisibilizados, com narrativas contadas a partir de experiências individuais, visando chamar atenção para fenômenos sociais mais amplos.

## 2. PROBLEMA DE PESQUISA

A gordofobia, citando Adriano Segal (psiquiatra do Centro Especializado em Obesidade e Diabetes do Hospital Alemão Oswaldo Cruz) em uma publicação realizada no site do Hospital Alemão Oswaldo Cruz, é um preconceito de característica única, que descreve o comportamento de julgar inferior, nojento e desdenhável alguém por ser gordo (Segal, 2018).

Com a busca incessante pelo padrão de beleza e a grande relevância que ele possui dentro da sociedade, se tornou bastante comum e muitas vezes até considerado justificável a prática desse preconceito contra pessoas gordas. Segundo Fischler (1995, p. 69) “uma das características de nossa época é a lipofobia, sua obsessão pela magreza, sua rejeição quase maníaca pela obesidade”.

O corpo gordo, assim, é rejeitado e patologizado. Em 1995, o Índice de Massa Corporal (IMC) foi proposto pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como parâmetro de diagnóstico universal da obesidade e condição necessária para defini-la como doença. Ou seja, a pessoa gorda é, muitas vezes, vista e tratada como doente.

O uso da expressão “epidemia mundial” para falar sobre a obesidade se tornou comum. A palavra epidemia está associada, de modo geral, a doenças contagiosas, dessa forma a obesidade seria descrita como a primeira epidemia não infecciosa da história (Poulain, 2013; Seixas; Birman, 2012). Além disso, esse modo de enxergar a obesidade, tratando-a como um desastre, algo que se deve combater, induz um cenário de guerra que pode facilmente se tornar uma guerra contra as pessoas gordas, a partir de ações discriminatórias e julgamentos (Farrell, 2011).

Assim, a vivência de uma pessoa com um corpo gordo é vista como uma doença, fazendo com que o formato corporal deixe de ser apenas um atributo físico e seja associado a um imaginário estigmatizado de um corpo anormal e não saudável construído por valores socioculturais e discursos científicos que impõem expectativas em torno do que seria o normal e saudável (Ferreira, 2014).

A maneira que esses indivíduos se veem, na maioria dos casos, é extremamente afetada. É presumido que a pessoa gorda é deprimida, descontrolada, fracassada e descuidada. Esses preconceitos são tão naturalizados que o próprio indivíduo incorpora essa imagem de si: inapta e doente. Ou seja, a gordofobia está impregnada na concepção de corpo, projetando limitações, culpa e exclusão. Essa exclusão se torna enraizada, afetando até

mesmo a percepção que eles possuem dos seus próprios corpos, fazendo com que os mesmos sintam que essa característica corporal não merece ser vivida (Piñeyro Bruschi, 2016).

Além disso, a abordagem interseccional constitui um dos principais pilares deste trabalho, ao permitir a compreensão de como diferentes sistemas de opressão: o racismo, a gordofobia, a lgbtfobia e a transfobia, atuam de forma simultânea e entrelaçada na experiência das mulheres entrevistadas.

O enfoque parte da perspectiva proposta por Crenshaw (1989), pois se compreende que não se trata de somar preconceitos isolados, mas de reconhecer que esses marcadores sociais se combinam para produzir formas específicas e agravadas de exclusão social. Assim posto, a mulher gorda negra, ou a mulher gorda e lésbica, por exemplo, não sofre preconceito de maneira fragmentada, mas vivencia uma marginalização atravessada por múltiplas dimensões identitárias que se reforçam mutuamente.

Diante disso, o problema que motivou esta pesquisa jornalística foi compreender de que forma esses estigmas e preconceitos impactam no direito das mulheres entrevistadas a vidas dignas, com acessos a espaços, empregos, amizades e amores.

Assim, buscou-se reunir relatos dessas pessoas para que, por meio das palavras compartilhadas, possa haver um maior entendimento e sensibilidade acerca dos problemas enfrentados por elas na sociedade.

### **3. OBJETIVOS**

Este trabalho tem como base os seguintes objetivos:

#### **2.1. Geral**

Elaborar um livro-reportagem para analisar e expor os impactos dos estigmas sociais nas vivências de mulheres gordas

#### **2.2. Específicos**

- Entender o processo de aceitação e entendimento da própria corporalidade dessas mulheres.
- Investigar como a gordofobia age na vida de pessoas gordas, principalmente mulheres.
- Escrever a narrativa de forma sensível, mostrando diversos aspectos das vivências das entrevistadas e como eles se interligam.

- Confrontar estigmas e estereótipos ligados às pessoas gordas.

#### **4. JUSTIFICATIVA**

A realização desse livro-reportagem surge da minha própria experiência como uma mulher gorda e da percepção de uma escassez de textos e trabalhos que abordem a vida de mulheres gordas de forma integral. Assim, a escrita partiu dessa necessidade que existe de se falar mais sobre as nossas vivências em diversos âmbitos, como o da acessibilidade, da saúde, do trabalho e das relações interpessoais.

Optei pelo formato escrito por compreender que, ao abordar um tema sensível como a gordofobia, o uso de gravações em vídeo ou a captura de imagens poderia gerar desconforto nas entrevistadas. Esse sentimento poderia comprometer a espontaneidade e a profundidade dos relatos, já que situações de exposição visual tendem a inibir a abertura e a entrega necessárias para a construção de uma narrativa completa.

Já a escolha do livro-reportagem como suporte para o texto se deu pois o mesmo permite uma abordagem mais abrangente das vivências e, conseqüentemente, uma maior representatividade e identificação por parte dos leitores. Além disso, o formato oferece a possibilidade de uma escrita e exploração mais livre do tema, com o uso da subjetividade dentro da narrativa.

Por fim, a utilização da metodologia da história oral e da abordagem interseccional fundamenta a proposta deste trabalho ao possibilitar uma escuta atenta das trajetórias individuais, considerando como os discursos sociais moldam as experiências e identidades das entrevistadas. O método consiste, assim, em uma base sólida para a construção de um livro-reportagem que conte histórias autênticas de uma maneira responsável e respeitosa.

#### **5. REFERENCIAL TEÓRICO**

A construção do livro-reportagem “Um amor construído: as felicidades e as dores da mulher gorda” está ancorada nos fundamentos do jornalismo literário e humanizado utilizando como suporte o livro-reportagem.

Conforme Rocha e Xavier (2013, p. 144), o livro-reportagem é uma obra que aborda acontecimentos ou fenômenos reais, utilizando, para sua produção, “procedimentos metodológicos inerentes ao campo do jornalismo, sem, contudo, descartar certa nuances literárias”.

Deste modo, a escolha pelo formato se guia pelo jornalismo literário, gênero que, segundo Monica Martinez (2009), se destaca por prestar muito mais atenção ao uso da oralidade, capturando como as pessoas expressam seus pensamentos, sentimentos e sua relação com o mundo, o que contribui para uma abordagem mais humanizada da realidade.

Além disso, outra característica do gênero é a possibilidade de quebrar o padrão do lide e buscar narrar a história a partir de outros artifícios, apresentando pontos de vista diversos com a presença de relatos mais sensíveis (Pena, 2006). Para o autor, também não há uma preocupação com a novidade, sendo ela um limite ultrapassado. Assim, o texto pode apresentar várias temporalidades, mantendo, entretanto, o rigor da apuração, da observação e da expressão, pilares das produções jornalísticas.

Por fim, aliado a esses conceitos, o texto foi escrito a partir da prática do jornalismo humanizado. Com foco nas experiências e histórias humanas como forma de entender os contextos aos quais elas estão inseridas e trazer mais visibilidade para pessoas invisibilizadas, e utilizando a perspectiva empática proposta pelo gênero que permite que as emoções sejam transmitidas com mais exatidão (Hanusch, 2018).

## **6. METODOLOGIA**

O livro-reportagem foi escrito com uma abordagem qualitativa, centrada na escuta e na narrativa das experiências de mulheres gordas. Para alcançar os objetivos propostos, o trabalho articula duas estratégias metodológicas principais: o estudo de caso e a história oral.

O estudo de caso foi utilizado como forma de investigação aprofundada de trajetórias individuais, que representam realidades complexas. O método, conforme Maria de Nazaré Castro Trigo Coimbra e Alcina Manuela de Oliveira Martins (2013), tem como finalidade a "compreensão integral, descritiva e interpretativa, estruturante e polissêmica, do objeto de estudo, numa perspectiva de desocultação e descoberta". Assim, cada personagem entrevistada é tratada como um caso emblemático da articulação entre corpo, identidade e opressão, possibilitando uma leitura situada das múltiplas formas de exclusão que atravessam suas vivências.

Como técnica de coleta de dados, a história oral foi utilizada, pois consiste na interpretação da vivência e da cultura através do registro e da escuta das experiências e lembranças das pessoas que estavam presentes ou foram afetadas pelo assunto pesquisado. Esse método foi introduzido no contexto acadêmico em 1920, porém só foi receber mais

atenção décadas depois quando realizou algumas mudanças, superando o subjetivismo e estabelecendo uma análise mais detalhada coletando dados de indivíduos concretos e trabalhando com os trajetos dos alvos da pesquisa dentro do contexto das relações sociais (Cassab, Rucheinsky, 2004).

Enfatiza-se através da metodologia em destaque a importância da elaboração e da trajetória da memória social como objeto de investigação que possibilita uma nova inteligibilidade do passado recente. Assim, reconhece-se a subjetividade como uma nova fonte de pesquisa.(Cassab, Rucheinsky, 2004, p.5).

Porém, esse método propõe que a pesquisa foque em indivíduos pertencentes a segmentos sociais que geralmente não são incluídos na contação da história oficial (Cassab, Rucheinsky, 2004). Oferecendo uma abordagem que não é centralizada na classe hegemônica, trazendo, muitas vezes, um ponto de vista diferente do que costuma ser apresentado nos arquivos históricos e atualmente nas mídias. Portanto, essa proposta busca abordar o ciclo social das pessoas, focando nas suas vivências e experiências dentro das escolas e do contexto familiar, por exemplo. Esse cenário ajuda na humanização da pesquisa como um todo.

### **6.1 Pesquisa bibliográfica**

A pesquisa bibliográfica envolveu a busca de artigos, teses e dissertações sobre os impactos da gordofobia nas vivências das pessoas gordas, principalmente as mulheres. Ao todo, foram analisados 10 documentos sobre o tema ou relacionados a ele.

Esse processo é defendido por Cellard (2008), pois, segundo o autor, ele possibilita observar a temporalidade dos acontecimentos e a progressão deles.

Assim, os estudos acadêmicos ofereceram apoio para a análise do cenário. As pesquisas trouxeram informações sobre o contexto histórico do padrão de beleza, do machismo e da gordofobia dentro da sociedade, trazendo um parâmetro do problema. Além disso, foram pesquisadas as formas como os atributos físicos influenciam na imagem e no tratamento pessoal de uma pessoa, com trabalhos e pesquisas que inclusive demonstram esse cenário por meio de dados.

## 6.2 Apuração

A apuração foi realizada com entrevistas em profundidade semi estruturadas, permitindo o compartilhamento mais livre de relatos. Ao todo, foram 9 entrevistas, entre as quais três receberam o enfoque como personagens e quatro apareceram como especialistas. Duas não entraram no livro e tiveram suas entrevistas utilizadas apenas como método de estudo, devido ao período no qual foi realizado as entrevistas. No qual já havia sido realizado o planejamento dos capítulos com as fontes que seriam utilizadas.

Um ponto importante desse processo foi a escolha das pessoas contatadas, sendo optado por realizar a obra somente utilizando como fontes mulheres gordas. Assim, em determinadas partes, exemplos das vidas e dos dia a dia das especialistas também foram utilizados como forma de ilustrar os pensamentos delas.

A pesquisa teve início em novembro de 2024. Nos primeiros momentos foram realizadas pesquisas bibliográficas, com o levantamento de artigos, teses, reportagens e pesquisas sobre o assunto. Com essa ação inicial foi possível aprender mais sobre a estrutura dos problemas e das questões enfrentadas pelas pessoas gordas.

A partir dessa percepção e de conversas com a orientadora, as fontes começaram a ser procuradas levando em consideração que a abordagem utilizada no livro utilizaria a interseccionalidade como umas das formas de análise. Foram escolhidas mulheres que traziam em si outros marcadores sociais além da gordura.

O processo de entrar em contato com as possíveis entrevistadas se mostrou desafiador. Por conta do caráter sensível do tema e da apreensão em relação a como a pessoa contatada poderia reagir ao convite, foram escolhidas apenas mulheres já iniciadas nos estudos do corpo gordo. Das 14 abordadas, 12 deram retorno e nove aceitaram o convite para a participação no livro-reportagem.

<b>ENTREVISTA</b>	<b>FUNÇÃO</b>	<b>FORMATO</b>
Camila Hilário	Jornalista e influenciadora digital	Videochamada
Helena Vieira	Escritora e pesquisadora transfeminista	Videochamada
Paula Mello	Filósofa e produtora fotográfica	Videochamada
Mel Meireles	Psicóloga	Videochamada

Jessyca Miguel	Psicóloga	Presencial
Malu Jimenez	Profa. Dra. em Estudos Culturais	Videochamada
Elaine Quinderé	Jornalista e consultora de estilo especializada em moda Plus Size	Videochamada
Suyane Héria	Pesquisadora mestranda em Serviço Social	Videochamada
Rachel D'Amico	Mestre em Ciências Sociais	Videochamada

## 7. SUPORTE

O suporte escolhido para a apresentação deste trabalho foi o livro-reportagem, pois é um formato que combina o jornalismo com a profundidade narrativa da literatura. Ele permite a construção de uma obra que articula dados, documentos, entrevistas, observações e relatos humanos em uma escrita poética, coesa e reflexiva. Sendo reconhecido, assim, como um dos gêneros mais completos do jornalismo narrativo.

Segundo Edvaldo Pereira Lima (2009), o formato traz uma abordagem mais ampla do que a utilizada no jornalismo tradicional, conseguindo explorar de maneira sensível as camadas e o contexto de um problema social.

A opção por esse suporte se justifica pelo fato de que as diversas vivências e experiências compartilhadas pelas mulheres, não podem ser resumidas em textos curtos ou reportagens episódicas. São impactos acumulados, muitas vezes invisíveis e desconsiderados, que exigem escuta prolongada, empática e atenta, para a realização efetiva de uma reconstrução das memórias.

Além disso, o livro permite uma narração subjetiva, sendo atravessado por opiniões, emoções, percepções e impressões pessoais. Os relatos colhidos ganharam espaço para serem contextualizados, compreendidos e humanizados. As conversas puderam se prolongar, o que contribuiu para o conforto das fontes no compartilhamento dos relatos, tornando a história mais próxima do real.

## 8. ESTRUTURA DO PRODUTO

O livro-reportagem é dividido em quatro capítulos e um posfácio. O primeiro capítulo traz uma introdução sobre a temática, por meio de uma reportagem, para que o leitor entenda quais fatores atravessam as vivências das três mulheres, que, posteriormente, terão as histórias delas contadas nos capítulos seguintes. Por fim, o posfácio traz um pouco da minha história e sobre a experiência de escrever o livro.

- Capítulo 1: “A autoestima, para as mulheres gorda, não é só uma questão pessoal. É uma questão social”

Apresentação do tema e uma análise dos problemas enfrentados por pessoas gordas, principalmente mulheres, dentro da sociedade.

- Capítulo 2: “Nós merecemos bons amores. Nós não merecemos qualquer amor”

Conta a história da ativista e escritora Helena Vieira, abordando a dupla marginalização de ser trans e gorda, e a jornada dela com a autoaceitação.

- Capítulo 3: “Eu assumi esse lugar como um lugar de existência, um lugar de luta”

Narra a vida da fotógrafa Paula Mello, mostrando os desafios enfrentados por ela devido ao luto e ao preconceito, e a importância de cultivar ações e comportamentos que a fortaleçam em meio a dor

- Capítulo 4: “Se você é um corpo considerado à margem, você entende como as opressões funcionam”

Narra a história da influenciadora Camila Hilário, destacando os impactos de crescer durante os anos 2000 e a importância da representatividade para o autoconhecimento e a auto compaixão.

- Posfácio: “Há um pouco de mim em cada uma daquelas mulheres e um pouco delas em mim”

Esse capítulo traz a minha experiência na escrita do livro, narrando uma trajetória de aprendizado e dor.

## **9. PROJETO GRÁFICO**

O projeto gráfico do livro “Um amor construído: as felicidades e as dores da mulher gorda” é composto por diagramação, paleta de cores, imagens, elementos gráficos e tipografia de capa e conteúdo. A estrutura foi produzida no programa Adobe InDesign.

### **9.1 Dados técnicos**

- Páginas: 57
- Suporte: impresso e digital
- Tamanho: 16 cm x 23 cm
- Margem: 12,7mm
- Sangria: 5mm
- Tipografia da capa: Poppins Black e Bookerly Italic
- Tipografia do conteúdo: Bookerly Light, Bookerly Bold e Poppins Medium
- Tamanho da letra do corpo do texto: 11 pt
- Espaço entre as linhas: 1,5

### **9.2 Capa e contracapa**

A capa do livro-reportagem “Um amor construído: as felicidades e as dores da mulher gorda” é uma ilustração, realizada pela designer Camila Pontes, das três mulheres que terão as histórias abordadas de forma mais aprofundada na obra. A escolha da ilustração se deu pela vontade de representar as entrevistadas unidas em uma mesma imagem, mesmo que elas não se conheçam, reforçando a ideia de comunidade.

A contra-capas, por sua vez, foi composta pelo contorno da ilustração da capa em um tamanho maior e por uma citação do que exemplifica um pouco da narrativa que será apresentada nas páginas.



Fonte: Material Camila Pontes/ Adobe Indesign

As tipografias utilizadas na capa são a Poppins Black para o título principal e a Bookerly Italic, no subtítulo e o restante dos elementos. A primeira fonte é sem serifa, de traço grosso e alto peso visual. Ela foi escolhida por apresentar alta legibilidade em tamanhos grandes e está na versão Black por conferir destaque, impacto visual e hierarquia à informação, chamando a atenção do leitor de forma imediata.

Já a segunda fonte, é uma tipografia com serifa desenvolvida especialmente para proporcionar conforto na leitura. A escolha da versão itálica reforça a intenção de diferenciar hierarquicamente os textos secundários, estabelecendo contraste com o título em Poppins Black, sem comprometer a harmonia visual

### 9.3 Miolo do livro e imagens

Para o corpo do texto, as fontes escolhidas foram as Bookerly Light, Bookerly Bold e Poppins Medium. As duas primeiras apareceram no texto e nos intertítulos, devido a facilidade que ela oferece na leitura. E, a segunda, foi utilizada na abertura dos capítulos. Cada um contou teve como título uma citação que sintetiza a ideia passada pela narrativa.

Com relação às imagens, foram usadas fotografias cedidas pelas entrevistadas: Helena Vieira, Camila Hilário, Paula Mello, Mel Meireles e Jessyca Miguel, além da reprodução de imagens retiradas das redes sociais delas.



Um amor construído

“E depois é que eu vou percebendo que falta espaço para esse corpo. O medo de quebrar a cadeira, o medo de não caber em determinado lugar. Então, depois eu vou percebendo um pouco essa relação de um mundo em que eu não caibo”.

A sensação de não caber no mundo é algo que vem acompanhando a escritora transfeminista Helena Vieira, desde quando ela era muito nova. Antes mesmo de completar 10 anos, via nos olhares e nas palavras dos outros que o corpo que a abrigava deveria ser, para si, um marcador de vergonha. Helena ouvia, principalmente no colégio, risadas e apelidos que a magoavam. O medo do vexame era constante no seu dia a dia, o não caber a aterrorizava.

A experiência da pesquisadora é particular, mas não é única. Quando se é uma pessoa gorda, o corpo deixa de ser uma característica física e passa a ser um determinante social: dita capacidade, em quais lugares você pode estar, o que você pode falar, vestir, e até quem você pode amar.

Essas pessoas passam diariamente por situações que escancaram falta de pertencimento. Não cabem nos transportes, não cabem nas roupas, não cabem em cadeiras. A mensagem é clara: “você não deveria existir”.

São ocorrências que a olhos desavisados podem passar despercebidas, parecer pequenas ou até insignificantes. Porém, quando apontadas, a solução oferecida é sempre a mesma: “emagreça, o mundo não precisa mudar por você”.



Helena Vieira  
(Arquivo pessoal)

6

Fonte: Material Camila Pontes/Adobe Indesign

A opção por destacar frases específicas do livro se deu com o objetivo de aumentar o impacto das falas e experiências das entrevistadas, evidenciando trechos que carregam forte carga emocional, crítica ou simbólica. Esses destaques funcionam como elementos de ênfase textual e visual, capazes de interromper momentaneamente o fluxo da leitura para provocar reflexão e aprofundamento.

Além disso, os momentos de destaque também oferecem pontos de respiro para a leitura, a fim de que ela se torne mais confortável. Assim, os elementos possuem uma função tanto estética quanto narrativa.

"A pessoa vai querer ficar em casa, trancada e isso vai ocasionar ansiedade, depressão, distúrbio alimentar. Por que ela vai tentar se encaixar num lugar onde não se vê, e como que eu vou ser algo se eu nunca vejo esse corpo ocupando esses lugares, né?"  
\_Jessyca Miguel

o corpo desejado, trabalhado, malhado é considerado socialmente 'belo', enquanto o corpo que não segue essa busca e/ou objetivo acaba sendo considerado 'feio'", explica Jimenez, na tese.

Para a escritora Helena Vieira, essa percepção das pessoas sobre os hábitos de mulheres gordas aparece no momento em que são oferecidas às primeiras dietas.

A proposta, segundo ela, "é muito marcante da experiência de ser gorda", pois 'constrange o corpo', que se torna algo a ser 'corrigido', que 'incomoda'. A pessoa, muitas vezes, sem nem conhecer o outro, se vê no direito de determinar como ele vive e deveria viver.

Os impactos desses cenários, segundo a psicóloga Jessyca, "são inúmeros". Na experiência profissional, ela já atendeu casos de pessoas que não conseguiam sair de casa por se sentirem "monstruosas", "uma aberração" apenas pelo tamanho de seus corpos.

Uma paciente, narra, tinha medo do mundo, medo do que as pessoas poderiam pensar, poderiam falar, dos espaços que muito provavelmente não eram feitos para a comportar. A sensação, entretanto, não era de raiva ou tristeza: a culpa atravessava o corpo que, para ela, "não era merecedor de direitos". "Eu tive que mostrar a sociedade para ela, mostrar que o seu tamanho não machucaria ninguém", conta.

E segue: "A pessoa vai querer ficar em casa, trancada e isso vai ocasionar ansiedade, depressão, distúrbio alimentar. Por que ela vai tentar se encaixar num lugar onde não se vê, e como que eu vou ser algo se eu nunca vejo esse corpo ocupando esses lugares, né?"

É possível perceber esse panorama por meio da pesquisa "Mapeamento da Gordofobia no Brasil". Realizada pela jornalista Thamiris Rezende e publicada em 2022, o estudo contou com 603 participantes, destes 82,9% apontaram sentirem sintomas de ansiedade, 54,2% declararam sintomas de depressão, 60% transtornos alimentares, 40,3% transtorno dismórfico corporal e 16,3% transtorno de personalidade.

Fonte: Material Camila Pontes/Adobe Indesign

A obra também incorpora diversas imagens ao longo de sua estrutura, que possuem o intuito de contextualizar o leitor ao longo da narrativa, ilustrando visualmente momentos, espaços e elementos mencionados no texto.

A inserção dessas imagens não tem apenas uma função informativa, mas também simbólica e afetiva, pois visam contribuir também para uma compreensão mais profunda das experiências relatadas, humanizando as personagens. Dando a elas não apenas nomes, mas também rostos e histórias com o objetivo de fortalecer a dimensão empática e relacional do livro.

Mesmo anos atrás, Helena Vieira exalava segurança e certeza em cada um dos seus gestos e falas. Pesquisadora, escritora, professora, palestrante, dramaturga e atriz. O conhecimento sempre foi seu alicerce, tornando-a uma referência nos debates e estudos sobre memória travesti, transfeminismo e direitos humanos.

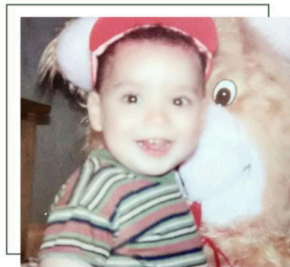
Helena estudou Gestão de Políticas Públicas na Universidade de São Paulo (USP), foi professora da Pós-graduação em Gestão Cultural Contemporânea do Itaú Cultural, colaborou com diversos livros, entre eles, *Explosão Feminista* (2018) e *História do Movimento LGBT no Brasil* (2018), foi consultora da novela da Globo "A Força do Querer" e atua como colunista na Revista Cult.

O lugar que possui na sociedade, entretanto, foi apontado a ela desde jovem. Assim, mesmo sendo e fazendo tanto, a pesquisadora sempre soube que a luta precisaria fazer parte constante da vida dela apenas por ser quem é: uma mulher trans e gorda.

Em uma palestra realizada para os estudantes da SP Escola de Teatro - Centro de Formação das Artes do Palco, em 2016, por exemplo, Helena define que os corpos dissidentes, como o dela, são vistos como abjetos, por serem "aquilo que não cabe, que não tem lugar e que por isso, precisa sempre ser retirado", perdendo o direito de ser e viver dignamente.

Essa expulsão, de acordo com a professora, vem por meio das interpelações. Esse corpo, para ela, ao sair da norma, se torna público, podendo ter sua existência apontada e questionada com agressões disfarçadas de opiniões.

A sensação dessas vivências na pele de Helena vieram cedo e continuam



Helena Vieira criança (Arquivo pessoal)

marcando-a. Nascida em São Paulo, no dia 16 de novembro de 1990, mas criada em Fortaleza, ela sempre foi gorda. Sua mãe dizia que ela já nasceu usando roupas para crianças de um ano. Ser grande não é nenhuma novidade em sua vida. Entretanto, o bebê gordo é fofo, já a criança e o adulto gordos são condenados.

No colégio, piadinhas a seguiam por onde ia. O apelido

Fonte: Material Camila Pontes/Adobe Indesign

## 9.4 Paleta de cores

A paleta de cores do livro-reportagem "Um amor construído: as felicidades e as dores da mulher gorda" foi desenvolvida com o objetivo de traduzir visualmente os elementos afetivos e simbólicos presentes na narrativa, por meio de uma composição delicada, íntima e acolhedora. A escolha das tonalidades busca reforçar uma estética confortável e sensível, que acompanhe o tom reflexivo do texto, ao mesmo tempo em que convida o leitor a uma experiência visual harmoniosa.

Foram utilizadas duas cores de maior intensidade e uma mais suave. As tonalidades mais fortes foram aplicadas na capa e nas aberturas de capítulos e atuam como pontos de ênfase e identidade visual. Já a cor mais clara foi reservada para detalhes e elementos de apoio.



#425541



#8c5673



#ee9889

Fonte: Material Maria Clara Medeiros/ Canva

A cor #8c5673, uma tonalidade de roxo, foi utilizada na capa e dentro dos capítulos nas frases de destaque. É uma cor comumente associada ao feminino, sendo utilizado desde o início do século XX como cor de luta das mulheres por igualdade de direitos, em movimentos que trazem em si a luta pela diversidade de vivências femininas, a autonomia corporal e a libertação de padrões estéticos opressores.

A cor #425541 é um verde escuro e apareceu nas páginas de apresentação dos capítulos. Ela transmite uma sensação de estabilidade e força, sendo associada a resistência e ao crescimento, ideias que atravessam os relatos das entrevistadas e a construção da própria narrativa do livro.

Por fim, a cor #ee9889, salmão, aparece para interligar as duas cores mais fortes, oferecendo leveza aos detalhes do livro.

## 10. CRONOGRAMA

A elaboração deste livro-reportagem demandou um período total de 9 meses, entre novembro de 2024 e julho de 2025. Ao longo desse tempo, o processo foi dividido em etapas, que envolveram desde o levantamento de dados inicial até a finalização editorial do produto.

A produção iniciou-se, entre os meses de novembro e janeiro, com a pesquisa documental e bibliográfica, fase necessária para a compreensão das outras obras e textos realizados com essa temática

Na sequência, em fevereiro, foi realizada a busca pelas personagens e especialistas entrevistadas, bem como o contato inicial com essas participantes para o agendamento das entrevistas. Houve dificuldades nessa etapa devido à escolha editorial de apenas utilizar como fontes mulheres gordas.

Nos meses de março e abril, foram realizadas as nove entrevistas que compõem este livro-reportagem e a decupagem e análise das informações apuradas. Com a finalização desse processo, iniciou-se a estruturação e redação do livro-reportagem.

Logo em seguida, foi desenvolvido o projeto gráfico e visual, incluindo a diagramação, seleção de imagens, paleta de cores e ilustrações. Em paralelo, houve a elaboração deste presente relatório, detalhando as fases. O cronograma foi concluído com as etapas de revisão, finalização editorial, entrega do relatório acadêmico e defesa do TCC, no mês de julho de 2025.

<b>Etapas da pesquisa</b>	11/24	12/24	1/25	2/25	3/25	4/25	5/25	6/25	7/25
Pesquisa bibliográfica	X	X	X						
Procura por fontes				X					
Entrevistas					X	X			
Decupagem e análise das entrevistas						X	X		

Escrita do livro							X	X	X
Orientação	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Revisão final do texto									X
Diagramação									X
Relatório									X
Entrega e Defesa									X

## 11. REFLEXÕES GERAIS SOBRE A PRODUÇÃO DO LIVRO-REPORTAGEM

O principal problema de pesquisa foi o caráter sensível das informações que precisavam ser compartilhadas. Encontrar pessoas que não só estivessem dispostas a conversar, mas também a expor experiências dolorosas foi um desafio. Assim, após um mês de pesquisa de fontes, a decisão tomada foi de abordar mulheres já inseridas no movimento dos estudos gordos e que já se mostravam conscientes da própria corporalidade.

Com isso, alguns contatos se tornaram mais desafiadores devido à quantidade de seguidores ou volume de emails que as entrevistadas possuem e recebem. Além disso, alguns relatos e experiências anteriores a esse momento de maior aceitação e descoberta foram difíceis de serem adquiridos,

Na etapa de redigir o texto, o maior desafio se deu pelo meu estilo de escrita e minha ligação com o tema. Em uma forma de me proteger, em primeiro momento, eu tentei escrever o livro de forma mais impessoal, tentando não absorver a dor dos relatos. Devido a essa questão, o primeiro capítulo do livro foi o mais demorado, ele foi rescrito três vezes em um período de cerca de um mês e meio com a ajuda de colegas e da minha orientadora, que me incentivaram e ajudaram a deixar transparecer nas palavras as emoções que eu estava sentindo.

Além disso, também foram encontradas dificuldades no momento de organizar como as narrativas seriam contadas e estruturadas de uma forma que as histórias se interligassem. Diante das informações coletadas foi decidida a estrutura de quatro capítulos e o posfácio. O

primeiro trouxe uma introdução do tema discorrendo sobre diversos problemas enfrentados pelas mulheres gordas nos mais diversos aspectos das vidas delas.

Para os próximos três capítulos, a decisão foi abordar histórias individuais que trariam maior atenção e sensibilidade para aquelas narrativas. Cada um deles focou em uma mulher que além de gorda, possuía alguma outra característica que a estigmatize socialmente, abordando a forma como os preconceitos se interligam e se intecificam.

Já o posfácio - o capítulo mais desafiador - foi feito durante todo o processo de escrita do livro. Ele foi um relato que pensei diversas vezes em retirar. Mas senti que ele fosse necessário, principalmente pelo impacto que todas as entrevistas e histórias causaram em mim.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, A.; BOSI, M. M. Mídia e subjetividade: impacto no comportamento alimentar feminino. *Revista de Nutrição*, v. 16, n. 1, p. 117–125, 2003.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. [S. l.: s. n.], 1977.

CARRETEIRO, T. A. Corpo e contemporaneidade. *Psicologia em Revista*, v. 11, n. 17, p. 62–76, 2005.

CASSAB, Latif Antonia; RUSCHEINSKY, Aloísio. *Indivíduo e Ambiente: A metodologia da pesquisa da história oral*. Biblos, [S. l.], 24 jul. 2004. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/125>. Acesso em: 2 jan. 2025.

CELLARD, André. *A análise documental*. In: POUPART, Jean et al. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis: Vozes, 2008. (Coleção Sociologia).

CASTILHO, S. M. *A imagem corporal*. Santo André: ESE Tec Editores Associados, 2001.

CRENSHAW, Kimberlé. *Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color*. *Stanford Law Review*, v. 43, n. 6, p. 1241–1299, 1989.

DEL PRIORE, Mary. *História das mulheres no Brasil*. [S. l.: s. n.], 2000.

ECO, Umberto. *História da beleza*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

FARRELL, Amy Erdman. *Fat shame: stigma and fat body in American culture*. Nova York: New York University Press, 2011.

FAUX, Denise Sant'Anna. *Beleza do século*. São Paulo: Cosac & Naify, 2000.

FERREIRA, V. A. *Desigualdades sociais, pobreza e obesidade*. 2014. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2014.

FISCHLER, Claude. *L'omnivore*. Paris: Poche Odile Jacob, 2001.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Tradução Mathias Lambert. Coletivo Sabotagem, 2004.

GOLDENBERG, Mirian. *A civilização das formas: o corpo como valor*. [S. l.], 2002.

GOLDENBERG, Mirian. *O corpo como capital*. Rio de Janeiro: Estação das Letras e Cores, 2010.

HANUSCH, F. *Journalistic empathy: A systematic literature review*. *Journalism Studies*, v. 19, n. 12, p. 1774–1793, 2018.

- HEILBORN, Maria Luiza. Entre as tramas da sexualidade brasileira. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 43–59, 2006.
- HOUAISS, A. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011. 1 CD-ROM.
- JIMENEZ-JIMENEZ, Mariana Lizardo. Lute como uma gorda: gordofobia, resistências e ativismos. 2020. Tese (Doutorado em Estudos de Cultura Contemporânea) – Universidade Federal do Mato Grosso, Faculdade de Comunicação e Artes, Cuiabá, 2020.
- KEHL, Maria Rita. Visibilidade e espetáculo. In: BUCCI, E.; KEHL, M. R. *Videologias*. São Paulo: Boitempo, 2001.
- LIMA, Edvaldo Pereira. Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. São Paulo: Manole, 2009.
- LORENZO, Genevieve L.; BIESANZ, Jeremy C.; HUMAN, Lauren J. What is beautiful is good and more accurately understood: physical attractiveness and accuracy in first impressions of personality. APS, [S. l.], 2010. Disponível em: <file:///C:/Users/MariaClara/Downloads/LorenzoBiesanzHuman2010.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2024.
- PENA, Felipe. O jornalismo literário como gênero e conceito. *Revista Contracampo*, v. 2, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/contracampo.v2i17.349>.
- PIÑEYRO BRUSCHI, Magdalena. *Stop gordofobia: y las panzas subversas*. Málaga: Zambra y Baladre, 2016.
- POULAIN, Jean-Pierre. *Sociologia da obesidade*. Tradução: Cecília Prata. São Paulo: Editora Senac, 2013.
- RODRIGUES, Stella. Precisamos falar de gordofobia. Hospital Oswaldo Cruz, set.–nov. 2018. Disponível em: <https://www.hospitaloswaldocruz.org.br/imprensa/noticias/precisamos-falar-de-gordofobia/>. Acesso em: 28 jul. 2021.
- ROSENZWEIG, Phil. Misunderstanding the nature of company performance: The halo effect and other business delusions. [S. l.: s. n.], 2007.
- SCHUBERT, Claudio. A construção do conceito estético Ocidental e sua implicação na formação valorativa e no processo educacional. In: X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Divisão Temática Interfaces Comunicativas, Blumenau, 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2009/resumos/R16-1303-1.pdf>.
- SEIXAS, C. M.; BIRMAN, J. O peso do patológico: biopolítica e vida nua. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 13–26, 2012.
- TOVAR, V. *Meu corpo, minhas medidas*. Tradução: Mabi Cosa. São Paulo: Primavera Editorial.